



Educação Unisinos

E-ISSN: 2177-6210

revistaeduc@unisinos.br

Universidade do Vale do Rio dos Sinos
Brasil

Côco, Valdete; Kafuri Alves, Kallyne; Corrêa Ferreira, Greziele
Formação, pesquisa e extensão na inserção ao campo da Educação Infantil
Educação Unisinos, vol. 20, núm. 1, enero-abril, 2016, pp. 87-95
Universidade do Vale do Rio dos Sinos
São Leopoldo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=449645666010>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Formação, pesquisa e extensão na inserção ao campo da Educação Infantil

Training, research and extension in entering the field of Early Childhood Education

Valdete Côco¹
Universidade Federal do Espírito Santo
valdetecoco@hotmail.com

Kallyne Kafuri Alves¹
Universidade Federal do Espírito Santo
kallynekafuri@hotmail.com

Greziele Corrêa Ferreira¹
Universidade Federal do Espírito Santo
greziele_correia@hotmail.com

Resumo: Em articulação com as discussões sobre a formação inicial de professores para o campo da Educação Infantil (EI), focalizamos aprendizagens advindas de atividades de pesquisa, articuladas à extensão, decorrentes da parceria com um centro municipal de EI, estabelecida no bojo das ações de um grupo vinculado ao Programa de Educação Tutorial. Com princípios teórico-metodológicos bakhtinianos, pautados na ideia de encontros formativos, abordamos as vivências carreadas com os encontros entre profissionais atuantes na EI e graduandos em formação. Com abordagem qualitativa exploratória, analisamos dados provenientes de documentos elaborados no período de 2010 a 2013 pelo grupo. Os dados sinalizam a constituição de um processo formativo ampliado, mobilizado em articulação com a formação de professores no campo da EI, que se insere nas problematizações sobre as possibilidades relacionalis entre a universidade e as instituições de EI, com implicações na constituição dos grupos envolvidos.

Palavras-chave: formação de professores, Educação Infantil, Programa de Educação Tutorial.

Abstract: In conjunction with the discussions on the initial training of teachers in the field of Early Childhood Education (EI), we focused on learning resulting from the development of research activities, articulated extension, arising from the partnership with a childhood institution. The partnership with a center of EI was established under the umbrella of the actions of one of the groups of the area of education, linked to the Program of Education Tutorial. Affirming Bakhtin's theoretical-methodological principles, guided by the idea of formational meetings, we discussed the experiences with the institution of EI carried out with the meetings between professionals and undergraduate training. In a perspective of qualitative exploratory study, we analyzed data from the documents drawn up for the period from 2010 to 2013 by the group. The results indicate that the constitution of a formative process expanded, mobilized in conjunction with the training of teachers in the field of EI, which is one of the problematization of the multiple relational possibilities between the university and the institutions, with implications to the formation of groups involved.

Keywords: training of teachers, Early Childhood Education, Education Program Tutorial.

¹ Universidade Federal do Espírito Santo. Av. Fernando Ferrari, 514, 29075-910, Vitória, ES, Brasil.

Introdução

As reflexões associadas ao contexto formação de professores compõem um extenso conjunto temático que pode ser remetido, dentre outros focos analíticos, às políticas propostas, às legislações reguladoras, ao currículo da formação inicial, às dinâmicas de formação continuada, aos conhecimentos demandados pelos cenários de atuação profissional e às condições de reconhecimento e de valorização profissional (Gatti *et al.*, 2011). Nesse universo, com muitas possibilidades de abordagem, variadas entradas informativas e distintos endereçamentos, situamos nossas reflexões no contexto da formação inicial, em articulação com o campo de atuação na Educação Infantil (EI).

Nesse escopo, que circunscreve um temário em que se destacam análises sobre a constituição do campo da EI, as dinâmicas do trabalho educativo empreendido nas instituições e, em especial, os processos formativos ofertados e/ou requeridos aos profissionais (Côco, 2015; Vieira *et al.*, 2013 e outros), focalizamos a parceria entre um grupo de profissionais em formação e uma instituição de EI, com vistas ao desenvolvimento de ações de pesquisa articuladas à extensão. No bojo das atividades de um dos grupos voltado à educação do Programa de Educação Tutorial Conexões de Saberes (PET EDU), tematizamos as vivências formativas no campo da EI, abordando as atividades de pesquisa desenvolvidas em associação às atividades de extensão e realizadas em parceria com um Centro Municipal de Ensino Infantil (CMEI) de um município do Espírito Santo.

Em uma perspectiva de pesquisa qualitativa do tipo exploratória, ancorada em princípios teórico-metodológicos bakhtinianos, para explorar as vivências formativas advindas da parceria do PET EDU com o CMEI, inicialmente apresentamos o PET EDU, com suas ações de ensino, de pesquisa e de extensão. Em seguida, perquirindo o mote da pesquisa articulada à extensão, tematizamos seu investimento formativo voltado à inserção no campo da EI, utilizando, como fonte de dados, os textos produzidos pelos integrantes do PET EDU. Indagamos as possibilidades formativas decorrentes do encontro entre graduandos em formação e profissionais em atuação em uma instituição de EI, tendo como elemento de aproximação o desenvolvimento de ações de pesquisa articulada à extensão. Nesse propósito, avançamos para a apresentação do PET EDU, com suas atividades, sínteses associadas e, em especial, parcerias mobilizadas.

O contexto da parceria

O PET EDU reúne, desde dezembro de 2010, 12 graduandos de origem popular dos cursos de Pedagogia, Artes

e Educação Física, tematizando a formação de professores no campo da EI. Nesse escopo, desenvolve ações de ensino, de pesquisa e de extensão, além de participar de atividades de integração ao conjunto do próprio Programa.

As distintas atividades desenvolvidas por este são articuladas ao desenvolvimento da pesquisa “Trajetórias de Estudantes”, que focaliza os percursos dos estudantes rumo à Universidade e as vivências formativas com a inserção ao PET EDU, sob uma ancoragem teórico-metodológica sustentada na possibilidade de empreender encontros formativos. Logo, do conjunto de ações reunidas na pesquisa, recortamos as ações extensionistas, pois, nas ações de extensão, exploramos as vivências formativas advindas com a inserção no campo da EI, possibilitada pela parceria com o CMEI.

A partir dos referenciais bakhtiniano, entendemos que “a palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial” (Bakhtin e Volochinov, 1997, p. 95). Nessa perspectiva, assumimos que, ao problematizarmos as vivências formativas no campo da EI, consideraremos os sentidos de quem acompanha, por dentro, o PET EDU. Buscando o estranhamento necessário (Velho, 2004) à produção de reflexões, em uma abordagem qualitativa do tipo exploratória, utilizamos como fonte de dados documentos vinculados a quatro repertórios de textos, produzidos no período de 2010 a 2013, pelos integrantes do PET EDU.

No primeiro repertório de textos, reunimos documentos organizativos do conjunto das ações do grupo, produzidos de modo coletivo: o projeto do grupo (Brasil, 2010), os planos de ação (Brasil, 2011a, 2012a) e os relatórios anuais (Brasil, 2011b, 2012b). Esses documentos permitem observar a articulação das ações extensionistas com o conjunto do trabalho realizado, em especial com as atividades de pesquisa (Brasil, 2011c, 2011d).

No segundo repertório de textos, reunimos os sub-projetos decorrentes, que dialogam com a especificidade das ações extensionistas. Observamos o projeto próprio da extensão (Brasil, 2011d) em sua articulação com a pesquisa do coletivo do grupo (2011c) e cinco projetos temáticos, compondo subprojetos de pesquisas associadas. Esses documentos abarcam a organicidade coletiva das ações e os interesses mais focalizados de integrantes do grupo no campo da EI.

No terceiro grupo, reunimos os documentos vinculados à processualidade da execução da parceria com o CMEI, com os relatórios (R) de atividades (totalizando 191), as avaliações individuais (totalizando 16) e os registros em diários de campo (DC) disponibilizados pelos seus integrantes.

Por fim, no quarto grupo, reunimos as sínteses endereçadas a interlocutores externos. Apuramos oito trabalhos

para eventos e um relatório coletivo produzido para reunião técnica sobre a atividade extensionista do grupo.

Com esses materiais, reunindo textos coletivos e individuais (organizados com codificação, como princípio ético de proteção aos sujeitos), dedicamo-nos a explorar as vivências formativas advindas do desenvolvimento do trabalho de pesquisa articulada à extensão no campo da EI.

Vivências formativas com o campo da Educação Infantil

Para indagar as vivências formativas decorrentes do encontro entre graduandos em formação e profissionais em atuação em uma instituição de EI, tendo como elemento de aproximação o desenvolvimento de ações de pesquisa articulada à extensão, é necessário explicitar o conceitual envolto na ideia de vivência. A partir de Bakhtin (1992), tomamos esse conceito com um sentido potencializador da observação do encontro com o outro, de considerar o processo de *identificação* que permite dar-lhe, com o excedente da minha visão, o *acabamento* que este, por seu lugar, não poderia construir. De maneira sintética, de mover-nos em direção ao outro, alterando-o e sendo alterado por este. Assim, para nós, a conceituação de vivências não se refere a algo superficial, mas integra a complexidade do processo de estar com o outro no cotidiano do trabalho na EI, com as questões importantes, marcantes, com magnitude e também as questões simples, superficiais, corriqueiras e, ainda, conflituosas, tensionadas e disputadas.

Nesse contexto de considerar a multiplicidade relacional oportunizada com o encontro, cabe observar que as vivências formativas no campo da EI aqui exploradas efetivaram-se no bojo de um Programa com seus propósitos e finalidades e com determinados requisitos organizativos. Dentre esses requisitos, está a formalidade dos documentos. Ao integrar a dialogia universitária, em particular com a integração ao PET EDU (com suas atividades típicas), os graduandos inserem-se em uma “esfera de utilização da língua” (Bakhtin e Volochínov, 1997, p. 43) que demandou organizar as ideias de trabalho no interior de determinadas exigências, em especial, obedecendo os requisitos dos formulários postos para a execução das ações. Com formulários próprios à pesquisa e à extensão, a articulação dessas duas especificidades também exigiu considerar o processo gradual requerido à aproximação com a instituição de EI.

As análises dos documentos, em especial do primeiro grupo de textos, indicam que foi necessário mobilizar *usos próprios* da linguagem, cumprindo os prazos de registros para garantir a oficialidade do trabalho na

Universidade e as margens de abertura para agenciar progressivamente laços com a comunidade. Como tática utilizada, os indicativos das atividades a serem executadas sustentam-se em uma proposta inicial de “diálogo com a comunidade” (Brasil, 2010), condicionando o detalhamento da ação ao movimento conjunto a ser estabelecido. Em um primeiro movimento, as ações extensionistas se resumem à busca de laços com um contexto.

Com o referencial bakhtiniano pautando a aproximação ao outro (muitos iniciantes no campo de trabalho com a EI), os registros desse movimento de formação de laços entre os contextos indicam sentidos vinculados ao conhecimento da EI e aos cálculos de horizontes de cada um nesse campo de atuação, realçando a observação da integração entre as dimensões pessoais e profissionais (Nóvoa, 2002).

Interagindo com as críticas relativas ao caráter esporádico que geralmente se impõe à extensão (Nogueira, 2001), repara-se, com o segundo grupo de textos analisados, a previsão de tempos mais ampliados para execução das atividades. No projeto coletivo de extensão, prevê-se, inicialmente, uma parceria de três anos, com avaliações e replanejamentos anuais. Os projetos associados apresentam temporalidades distintas, nunca inferiores a 12 meses. Ainda, todos indicam articulação com pesquisas ou estudos associados. Essa forma propositiva instou novas produções, permitindo apurar relatórios individuais, trabalhos para eventos acadêmicos e relatório para submissão à reunião técnico-avaliativa, que evidenciam alguns protagonismos de autoria dos textos (especialmente, os endereçados aos eventos).

Com o conjunto dos repertórios textuais, é possível assinalar a vivência de *parcerias possíveis*, observando-se mudanças tanto nos quadros do PET EDU quanto da instituição (com alguns projetos temáticos sendo interrompidos ou readjustados) e negociações das demandas da extensão com questões dos cursos dos estudantes, da agenda da instituição e das necessidades individuais. Enfim, na discussão da formação de professores associadas ao estabelecimento de parcerias institucionais, realçamos que projetos de duração mais ampliada constituem-se também com as emergências do itinerário de execução, instando novas aprendizagens e caminhos alternativos que tensionam as lógicas de idealização, neste caso, da EI, dos professores, das crianças, da Universidade, dos graduandos, da extensão, da pesquisa, da formação...

Avançando na narrativa da parceria investigada, observamos que o investimento nos processos de aproximação foi encaminhado inicialmente em reunião com a equipe de EI da Secretaria Municipal de Educação (escolhida em função da observação de menor incidência

de atividades de extensão). Essa iniciativa culminou na possibilidade de inserção em um CMEI, localizado em um bairro de periferia de um município do Estado do Espírito Santo. O avanço na articulação institucional foi associado ao estudo do Projeto Político Pedagógico da instituição e ao estabelecimento de uma dialogia com vistas à emergência de uma ação comum. Na composição progressiva da parceria, os registros indicam que a demanda pautada foi a (re)elaboração do instrumento de anamnese² e sua aplicação às famílias das crianças.

Em uma articulação com as aprendizagens de pesquisa, o trabalho foi situado na busca por aproximação ao conhecimento dos pais *sobre* as crianças como apoio ao trabalho educativo. Com isso, chegou-se, finalmente, ao projeto de extensão: “Educação Infantil: o trabalho docente no encontro com as crianças” (Brasil, 2011d), que passou também a integrar as atividades de pesquisa do grupo, compondo as trajetórias dos estudantes no PET EDU (Brasil, 2011c).

Na perspectiva de delinear uma narrativa nos limites deste texto, para avançar nas reflexões sobre as vivências formativas, passamos a priorizar eventos capturados do terceiro grupo de textos, em especial composto por R e registros de DC, seguindo as etapas de desenvolvimento do projeto de extensão. Conforme viemos apresentando, o projeto extensionista foi organizado a partir de três movimentos: a articulação para a realização do trabalho, que culminou no encontro com um CMEI; a construção conjunta de instrumento, com a deliberação pelo investimento no instrumento de ficha de informações sobre as crianças (FI); e, por fim, a execução da aplicação da ficha e a produção de sínteses com os dados produzidos.

Os dados indicam que se marcou um único requisito: de trabalhar com quem estivesse disposto ao encontro, não querendo um lugar *indicado*, um lugar que *devesse* receber, um lugar que *precisasse* da Universidade, também buscando afastar a ideia de visita e de trabalho pontual. Lembrando Certeau (1998), emerge uma tática de poder deslizar, de ir compondo junto, de mobilizar uma *poética* do fazer ambicionado. Uma tática importante como princípio, mas difícil como posicionamento cotidiano, porque implica trabalhar em uma temporalidade mais ampliada, que repercute nas expectativas pelos resultados da ação. Os dados indicam vários registros de um *tempo de espera* para começar *efetivamente* a extensão.

No jogo das (in)coerências, todavia, os registros indicam também que o grupo não poderia parecer à comunidade esvaziado de proposição. Assim, o estudo de documentos, a exploração dos universos de EI e o mote

do plano de ação de 2011 – “Propor, elaborar e desenvolver coletivamente o projeto de extensão em parceria com uma instituição de EI” (Brasil, 2011a) – consistiu em pontos de ancoragem, muitas vezes repetidos nos R e DC.

Após a articulação junto à Secretaria de Educação (com reuniões realizadas nos espaços da Universidade), que culminou no contato com o CMEI, os movimentos seguintes se efetivam no contexto da instituição, encorpendo a ideia de extensão com o movimento em direção à comunidade.

Considerando que o trabalho com as crianças na EI não pode sofrer pausas, emergem desafios e iniciativas para tecer a conversa nos tempos típicos da ação educativa, sempre partilhada, envolvendo adultos e crianças. Na simultaneidade das ações, destacamos o papel ativo do CMEI, não abdicando de interferir nas proposições em discussão, de fazer adequar-se aos seus agendamentos e de se mostrar com suas realizações e desafios. Os dados indicam que, no decorrer do trabalho, as relações se constituíram em um jogo de negociação, compondo vários movimentos interativos em que ora o grupo pauta os encaminhamentos, ora é pautado pela lógica da instituição, ora negociam acordos... O que é possível afirmar é que observamos um trabalho (também com incoerências) que aposta na produção de movimentos compartilhados.

Nessa complexidade, os dados informam o investimento em uma *ambienteção*, com vistas a gerar pertencimentos recíprocos. O grupo se insere no CMEI buscando aproximação aos trabalhos institucionais, com proposição de enriquecimento das trajetórias dos estudantes (Brasil, 2011c), em meio ao investimento na construção do projeto coletivo de extensão (Brasil, 2011d) e na possibilidade de descobertas de temáticas que pudesse gerar novos desejos de extensão articulada a novas pesquisas.

[...] Fomos bem recebidas desde a diretora às auxiliares de serviços gerais. As crianças demonstraram-se curiosas diante nossa presença, algumas ficavam nos encarando, outras sorriam, faziam gestos de beleza, mandavam-nos beijos e tchau e se não retornássemos, eles insistiam até que fizéssemos os mesmos gestos de retorno! (Brasil, 2012b, R12, 04/08/2011).

Na convivência comum, em especial no encontro com as crianças, observamos a *afetação* dos corpos provocadora de inúmeras sensações, que incluem alegrias e sorrisos, também cansaços e medos e muitas *marcações*, tais como coloridos de tinta nas roupas, placas de massa

² Trata-se de uma ficha obrigatória aos estabelecimentos de ensino em que constam informações sobre as crianças, coletadas com responsáveis.

de modelar nas unhas, músicas que não saem da cabeça e presentes recebidos, tais como flores, dobraduras, anel de bola de soprar e uma *pedrinha do poder*.

Afinal, se o encontro deixa ambos os interlocutores modificados, como ensina Bakhtin, o movimento em direção ao outro implica em envolvimento, e isso acaba por fazer diferença na vida das pessoas e, consequentemente, no andamento dos projetos.

Esse pertencimento implicava também o conhecimento do lugar, não como *moradores*, mas na posse dos códigos de uso que permitisse o trânsito (Mayol, 1996). Os R e DC indicam que, progressivamente, os estudantes aprenderam os pontos e os horários dos ônibus, bem como os endereços associados ao itinerário regular (supermercados, padarias, posto de saúde, etc.). Ao circular pelo bairro, além de observar os moradores (e serem observados por estes), aproximaram-se dos elementos de sua paisagem: ruas asfaltadas (que implicavam em crianças mais *presas* nos quintais, ainda que muitas transitassem pelas ruas), casas de conjunto habitacional em processo de acréscimos com seus *pxadinhos* (informando o investimento dos ocupantes em criar as condições de vida mais adequadas), lugares destinados ao depósito de lixo para ser recolhido (indicando os serviços públicos oferecidos ao bairro) e os escassos espaços de lazer. Com a intimidade espacial, foi possível atentar para detalhes que, de diferentes modos, dialogavam com a temática em estudo na extensão e nas pesquisas em curso no trabalho conjunto.

[...] No ponto de ônibus, com R. e L., vi um cartaz/anúncio que me chamou muito a atenção, me fez refletir [Baby City da Vovó L. As férias estão chegando, com quem vai ficar seu filho(a)? Com a Vovó L. Mensal, diária, horas e hotelzinho. Preços e horários a combinar (manhã, tarde e noite) [...]. Inicialmente fiquei pensando sobre o cotidiano dos responsáveis pelas crianças que moram naquele bairro. E depois sobre o espaço da Vovó L. Vim no ônibus refletindo sobre as palavras utilizadas no cartaz, as imagens e principalmente sobre os possíveis significados das palavras em negrito. Fico por aqui com esse relatório, pensando muitas coisas... principalmente: Como é o BABY CITY da Vovó L.? O que acontece lá? A Vovó L. é velha? Se fosse nova acho que teria colocado tia... (Brasil, 2012b, R23, 01/06/2012).

Com o avançar do trabalho, observa-se a composição de sínteses mais adensadas, entendendo a extensão no estabelecimento de uma relação comunicativa com a comunidade que evidencia sua articulação com o ensino e a pesquisa, como interfaces de um mesmo fazer partilhado pelas instituições envolvidas, no caso, a universidade e o CMEI (Freire, 1997). Assim, na ambientação, adentrar na instituição implicou dois movimentos associados: conhecer o espaço e pertencer ao lugar (Certeau, 1998).

Os dados indicam detalhes desse movimento aproximativo. A gestão assumiu a tarefa de apresentar *cada cantinho*. O grupo, por sua vez, em movimentos muito particulares, foi experimentando vários lugares no CMEI e mobilizando sua inserção. Na articulação com o ensino, a aproximação ao cotidiano do trabalho com as crianças tensiona as assertivas da possibilidade de aprender com as crianças e da perspectiva de empreender um protagonismo compartilhado na constituição da docência, uma vez que “não há docência sem discência” (Freire, 1996, p. 25). Em um panorama muito sintético, ilustramos, com um evento, as descobertas nessa inserção na cotidianidade do trabalho na EI:

[...] a professora leu a história “Os músicos de Bremen”, de Ruth Rocha. Algumas crianças não prestaram muita atenção, até por que A. não contou a história ‘com muita empolgação’. Depois, solicitou às crianças que fizessem um desenho da história: alguns desenharam só um personagem, outros todos, outros uma determinada cena e outros queriam até mesmo desenhar o que não apareceu na história [...]. Notei como uma mesma história pode ser desenhada de diferentes focos (Brasil, 2012b, R26, 4/5/2012).

O envolvimento também gerou a necessidade de aprofundamentos, alguns realizados mais individualmente, e outros como uma empreitada coletiva, convidando outros professores da Universidade para estudos. Nesse conhecimento do trabalho institucional movido pela perspectiva de constituir uma parceria, os dados evidenciam que a tarefa mais difícil era desligar-se de uma referência à presença de estagiários como alguém passageiro, que, no contexto, observa e ajuda, para fortalecer o investimento em uma proposição comum (Pimenta, 2006).

Na multiplicidade dos processos interativos, com a ambientação sistemática, estes geraram uma aproximação que culminou no projeto coletivo relativo à FI e em ações associadas com a composição de cinco subprojetos temáticos versando sobre as entradas e saídas, as interações no parquinho, a literatura, a linguagem teatral, os jogos motores e as brincadeiras. Os subprojetos, em sua maioria, além de integrarem as ações associadas ao projeto coletivo, foram desenvolvidos em articulação ao requisito de elaboração do trabalho de conclusão do curso dos graduandos. Cada subprojeto demanda uma análise aprofundada que não cabe nos limites deste texto. Nesse quadro, continuamos a centrar nossa abordagem nas etapas do projeto coletivo vinculado às FI.

Observamos que é marcante no grupo a urgência em avançar os encaminhamentos para elaboração final do projeto de extensão. Identificar uma demanda e entendê-la como interessante se mostrou um facilitador, ecoando em um reconhecimento de necessidades recíprocas, que

ñizeram emergir o elo da comunicação, encorpando os sentidos para as vivências comuns. Isso indica que, na mobilização de parcerias na formação de professores, atuar na extensão considerando o caráter propositivo da comunidade, por um lado, constitui-se um desafio, pois implica sair das proposições prévias, por outro, dá-se organicidade ao trabalho. Os dados assinalam que esse processo de decisão consistiu em um dos momentos mais sensíveis do trabalho.

Para a composição do projeto, os dados marcam o desenvolvimento de reuniões periódicas com idas e vindas, em um movimento que comportou a negociação com o CMEI, os estudos associados e as aprendizagens de sistematizar um projeto de extensão nos moldes do formulário da Universidade. Estabelecidos os detalhamentos da ação, busca-se articular o trabalho (de revisar a FI e aplicá-la) com a pesquisa.

Em meio a registros de muitas ideias, na articulação com a pesquisa, o trabalho se desenvolveu com três questões de investigação: Quais são as necessidades de informação sobre as crianças da instituição? Como os pais respondem a essas indagações? Que indicadores podem ser apurados com essas informações como subsídio ao trabalho educativo? Assim, adentra-se ao tema da dialogia entre famílias e instituições, articulado à observação das experiências infantis, propondo uma metodologia qualitativa do tipo exploratória para encaminhar o trabalho. Essa metodologia marca distintos trabalhos do grupo, indicando também um movimento de adensamento das aprendizagens do escopo metodológico das ações. Nessa lógica, o trabalho se desenvolveu com procedimentos de construção conjunta da ficha, aplicação aos responsáveis e reunião de dados para apresentação das informações em processo formativo junto aos profissionais da instituição.

Analizando cada um desses procedimentos, observamos que a construção conjunta do instrumento reuniu dois aspectos – o aspecto da extensão, voltado ao fortalecimento do elo da parceria, negociando uma síntese comum do instrumento relativo à FI, e o aspecto da pesquisa, com a possibilidade de conhecer as necessidades de informação sobre as crianças da instituição. Tudo isso associado à possibilidade de promover aprendizados conjuntos. Portanto, nesse propósito, acresce-se aos referenciais a problematização sobre a pesquisa no campo da EI.

O campo da EI tem afirmado a importância da pesquisa com crianças (Cruz, 2008), e o projeto se dirigia mais à pesquisa sobre as crianças. Com isso, os dados indicam que sedimenta-se a importância da ambientação, como um espaço privilegiado de aprender *com* as crianças, indicando que o encontro com a instituição (na

elaboração da ficha) e com os pais (na aplicação) só tornaria consistência se sustentado na aproximação com as crianças. Também, a confiança dos sujeitos só poderia ser conquistada com uma imersão no cotidiano institucional. Com essas implicações, os dados relativos aos processos formativos destacam que se marcou o trabalho com a ideia de que as informações não poderiam indicar o que as crianças são, mas o que os adultos diziam sobre elas, permitindo problematizar as apropriações dos adultos. Nessa problematização, questionou-se a nomeação “ficha de anamnese” e passou-se a utilizar o termo “ficha de acompanhamento”, uma problematização que avançou no trabalho, culminando na deliberação por chamar de “ficha de informações sobre as crianças”, buscando apartar-se de perspectivas de esquadrihar as crianças.

Com muitos ajustes no percurso, chegou-se à versão final da ficha, retratadora das necessidades informativas institucionais, negociadas no curso das ações. Com a ficha finalizada em um jogo de negociação que coteja, sistematicamente, os propósitos de cada instituição envolvida, passou-se à etapa de execução, proposta com quatro movimentos: a aplicação aos pais, a organização do material, a sistematização dos dados e a síntese de informações. Nessa etapa, os registros sobre a reunião administrativa ocorrida no CMEI informam o planejamento conjunto da metodologia de aplicação. Com a aplicação, conseguindo uma consistente cobertura (84.35%), os registros indicam que a adesão das famílias está associada ao investimento do CMEI em mobilizar os pais e propiciar um espaço à ação, disponibilizando salas e refeitório, em uma readequação do trabalho com as crianças nesses dias. Assim, mobiliza-se um *cenário de conversa* sobre as crianças, com estas por perto.

[...] fui para a sala dos professores colaborar com o preenchimento da ficha. Era muitos responsáveis, em sua maioria pais e mães, mas também havia avós, tias e irmãs – a maioria do sexo feminino. A sala estava bem cheia. A diretora passava às vezes na porta para saber se estava tudo correndo bem. Neste dia destaco alguns fatos que me chamaram a atenção [...]: a diretora perguntando se eu não ia tirar foto hoje, a irmã de uma criança que preenchia a ficha, muitas coisas ela não sabia, com isso ligava para a família solicitando as respostas (a maioria dizendo respeito ao nascimento e dados da criança) e a presença de duas irmãs que acompanhavam os pais nesse trabalho, a maior estava atenta à ficha, opinava com segurança e ajudava o pai a responder.

Também destaco um evento em que uma criança (que acompanhava a mãe) foi colocada sentada em uma cadeira próxima, mas se aproximou buscando contribuir com aquele *papel grande*. Descobri que era aniversário dessa menina, solicitando depois às companheiras do PET que cantássemos parabéns para ela. [...]. A presença dessa criança foi

tão significativa para as respostas que ao final solicitei que ela também assinasse o documento (Brasil, 2012b, R10, 04/05/2012).

Os dados indicam que era evidente a alteração da rotina institucional. Uma alteração que só foi possível com os elos construídos. Junto a essa experiência, parece-nos que um projeto extensionista no campo da EI que desejar a imersão institucional precisa lograr sucesso aproximativo, como condição primeira do trabalho. Com o conjunto do material reunido, observou-se a organização de três tarefas: explorar e organizar as informações das fichas, preparar uma apresentação e planejar a formação continuada com os professores.

Os dados informam, ainda, que a exploração e organização das informações consistiram em um aprendizado mais da ordem do coletivo no interior do grupo, voltado à metodologia de pesquisa em associação com os recursos tecnológicos que facilitam a comunicação de dados, uma vez que se preparou uma apresentação e um pequeno texto reflexivo sobre cada eixo temático sobre as crianças, referente às questões da ficha (identificação, dados familiares, saúde, hábitos alimentares, lazer, etc.). De modo simultâneo, o PET compôs um vídeo narrando sinteticamente o movimento extensionista vivenciado pelo grupo.

O conceito de formação continuada, retratando que esta pode atingir variados fins, mas que especialmente não se desvincula da proximidade do trabalho cotidiano dos profissionais (Nóvoa, 2002), parece ter dirigido as ações. São consistentes as referências ao desafio de fazer comunicar as informações das fichas buscando cultivar a receptividade dos profissionais. Isso foi facilitado pela especificidade da extensão: o trabalho dizia respeito a uma necessidade do CMEI, vinha associado à intimidade para com o grupo e as informações se mostraram potentes para muitas análises sobre o trabalho com as crianças.

Os dados indicam que, no seu papel ativo na parceria, o CMEI articulou todo o movimento prévio da formação continuada com os profissionais, com os convites, com a organização da agenda e com o preparo do lanche de acolhida. Na realização da formação, indicam, ainda, a execução da abertura dos trabalhos pela direção do CMEI e a apresentação dos dados, com o grupo assumindo o protagonismo junto aos professores e funcionários, em um movimento de partilha das análises.

O conjunto dos dados apurados com as FI é extenso e, em uma função primeira, informa que foi trabalhado na lógica da sua disponibilidade como elo para a continuidade da conversação. Ou seja, o trabalho foi concebido entendendo que a parceria se revigorava.

[...] Acredito que este momento de formação tenha sido muito rico, pois, através dele, pode-se compreender o múltiplo em um contexto de trabalho, as visões dos educadores, um maior conhecimento sobre as crianças (mesmo que por olhares dos adultos) que constituem importante papel na instituição, [...] pois é nessa multiplicidade de conhecimento, de trocas, do confrontamento da teoria e prática que vamos nos formando e constituindo-nos como futuros educadores (Brasil, 2012b, R32, 30/08/2012).

Com vistas a manter a rede de conversa, os dados sobre a avaliação da formação indicam a deliberação por produzir um pôster para a sala dos professores, de modo a mobilizar uma nova apresentação dos dados decorrentes das FI, favorecendo lembranças, correções, novas formas de ver, etc. e, por quanto, instigar a potência dos dados para o trabalho na EI. Esse pôster integrou a Mostra Cultural de 2012, indicando o pertencimento do trabalho ao conjunto das ações institucionais.

Com o trabalho avançando, o grupo também investiu na sua comunicação em uma reunião técnica, propondo-se a uma avaliação por pesquisadores da área. Para tanto, tal grupo mobilizou energias na produção do relatório. Contando também com a presença do CMEI, conclamou mais uma vivência formativa com o trabalho.

Outros interlocutores, novas leituras, mais contribuições à formação. Os dados assinalam que compor a dialogia entre o espaço acadêmico (de banca na Universidade) e a vivência extensionista (trazida à avaliação), além de visibilizar o reconhecimento do trabalho (afirmado pela banca), implicou em um sentido de realização pelo trabalho ampliado, que articula extensão, pesquisa e formação.

Todo esse movimento possibilitou a inserção do grupo em uma rede dialógica mais ampliada, com oito trabalhos levados a eventos. Nos limites de nossa problematização sobre a extensão articulada ao ensino e à pesquisa em vinculação com o campo da EI, não poderíamos explorar os dados apurados com as fichas e nem as sínteses produzidas para eventos, posto que são informações que merecem um escopo próprio de reflexão. Ao citar esse repertório de textos, buscamos marcar que vários parceiros fazem parte da concretude do trabalho.

Com o conjunto dos dados, observamos o investimento em articulações no interior da Universidade, do PET, da comunidade extensionista e da inserção em eventos, evidenciando uma dialogia da extensão com a pesquisa e o ensino. Esse processo formativo ampliado, com muitas e distintas interlocuções, está implicado com o exercício de compor uma ética para os encontros. Sabe-se dos impactos da presença de estudiosos no contexto das instituições (Bogdan e Biklen, 1994), dos desafios de

fazer encontrar estudantes em formação com profissionais em atuação (Pimenta, 2006) e das problematizações que envolvem pesquisar/extensionar sobre, com e para as crianças.

Nesse contexto, cabe destacar também os pressupostos de que o trabalho educativo na EI se efetiva em um protagonismo compartilhado (entre adultos e crianças), com implicações para a constituição da docência nesse campo. A especificidade da EI é marcada pelas necessidades próprias das crianças na faixa etária de até 6 anos, atendidas em contextos institucionais que integram ações de cuidado e de educação. Advoga-se uma pedagogia própria da EI, que tem seus requisitos, mobiliza desafios e exige determinados investimentos, na interface com a configuração dos quadros profissionais (Côco, 2015).

Na processualidade do trabalho realizado no campo da EI, os dados indicam que emergem indagações: o que é possível saber sobre as crianças sem ser por elas? Qual a importância dos adultos conversarem sobre as crianças? Qual a importância de mobilizar uma diálogo entre pais e instituição em uma conversa sobre as crianças? Como fazer vivo um instrumento, uma ficha obrigatória às instituições? Como fazer vivo um instrumento associado ao reconhecimento de que as crianças podem dizer muito mais sobre si do que achamos que sabemos ou já registramos? Quais as implicações dessas vivências para os processos formativos dos estudantes e professores em atuação?

Nessas problematizações, evidenciam-se as fragilidades e limitações que, notadamente, dialogam com o conforto adultocentrista reinante, questionado nos cursos de origem dos petianos. Como resposta, marca-se a crença na importância de conversar sobre as crianças quando essa conversa investe na responsabilidade para com elas. Os princípios éticos para com as crianças e a instituição evidenciam um entendimento de extensão (articulada ao ensino e à pesquisa) associada a encontros, vivências, transformações... Um convite à conversa que, alterando os sujeitos, produz conhecimento. Um diálogo intermitente, em que a cada encontro vão se alargando os horizontes e as perspectivas de trabalho conjunto, movimentando as relações. Observando os resultados a partir dos *produtos* gerados, na maioria das vezes, o grupo logrou sucesso, mas tem lá também seus registros de *fracassos* (eventos perspectivados cuja produção não foi concluída a tempo da inscrição, pareceres que solicitaram melhorias, trabalhos recusados, convites a parcerias que não se efetivaram...). Enfim, em meio à complexidade da vida coletiva, composta com toda a pessoalidade e individualidade de cada sujeito, é-nos evidente que, fazendo ao modo próprio, os participantes foram compondo uma ética que busca valorizar e reco-

nhecer todos os envolvidos no trabalho, potencializando (entre outras) a prática da extensão, articulada à pesquisa e à formação.

Considerações finais

No contexto das ações do PET EDU, tematizamos as aprendizagens advindas das atividades de extensão universitária, desenvolvidas em articulação ao ensino e à pesquisa no campo da EI. Indagamos as possibilidades formativas decorrentes do encontro entre graduandos em formação e a comunidade extensionista, culminando na elaboração compartilhada de um projeto de ação. Na complexidade da narrativa desenvolvida neste texto, cabe observar que, na abundância de dados, a seleção das categorias de análise provavelmente, ao perquirir os movimentos mais coletivos, invisibilizou muitos outros movimentos que constituem as ações investigadas. Contudo, não desconsideramos a multiplicidade de iniciativas particulares, de associações entre sujeitos e de protagonismos individuais que integraram as forças motoras das ações. A eleição de determinados focos analíticos intentou manter o objetivo de indagar as vivências formativas no escopo de uma pesquisa sobre trajetórias de estudantes que, dentre suas ações, investigou a composição progressiva de uma ação colaborativa entre duas instituições que, solidariamente, investiram na formação, articulando pesquisa e extensão.

Assim, reconhecendo a oficialidade do projeto, com seus documentos associados (tomados como dados produzidos no curso das ações), centramos as reflexões nas vivências formativas, considerando-se a rede ampliada de interlocutores que, progressivamente, compõem as ações sustentadas em propósitos de parceria. Com o conjunto do trabalho, destacamos a complexidade que envolve articular a extensão com o ensino e com a pesquisa, se aproximando da temática da formação de professores, do campo da EI e da instituição que no cotidiano acolhe as crianças.

Nesse quadro, na cadeia dialógica dos estudos sobre a formação de professores, nossas reflexões reiteram os acúmulos do campo referentes aos desafios que emergem na constituição de parcerias e de articulações entre ensino, pesquisa e extensão. Nesse dizer junto com os estudos do campo, com o referencial teórico-metodológico bakhtiniano, destacamos que não perspectivamos uma última palavra. Entendemos que nossos dizeres reanimam os muitos já ditos, encontram outras enunciações em produções simultâneas e colaboram para a continuidade das discussões, de possibilidades intermináveis.

Destarte, buscamos avançar nessa dialogia com um referencial sustentado na possibilidade de estabelecer

encontros formativos, com vistas à abertura para formulação propositiva dos sujeitos. Nos desafios que persistem no campo da formação e, em especial, no campo da EI, essa possibilidade alimenta que, não sem tensões, é possível criar *um jeito* de fazer, em meio a *tantos outros*. Para tanto, é necessário conquistar interlocutores de jornada que, posicionando-se ativamente no trabalho, ofereçam pistas ao percurso de construção compartilhada.

Assinalamos que, com os dados apresentados na pesquisa, advogamos produções conjuntas e autorais, com marcas próprias dos grupos envolvidos. Uma produção que agrupa realizações e também dúvidas e dificuldades. Esse dado não visa sugerir dualismos, visto que as realizações, ainda que primeiramente ensejam conquistas, também podem animar o enfrentamento de novos desafios. Ainda, as dificuldades, que, em uma primeira mirada, podem indicar entraves, também podem instar realizações, convidando à superação de obstáculos que se apresentam no percurso do trabalho. Nesse contexto, emergem aprendizagens que não se descolam das questões éticas inerentes ao encontro com outro (alterando a constituição dos grupos envolvidos) e das problemáticas presentes no campo da formação.

Na especificidade da pesquisa realizada, os dados evidenciam a constituição de um processo formativo ampliado, que se insere nas problematizações que indagam as possibilidades relacionais entre a Universidade e as instituições, no desenvolvimento do ensino, da pesquisa e da extensão. No horizonte das discussões sobre a formação de professores no campo da EI, compartilhamos análises com vistas a instar novas interlocuções, visto que esta é uma iniciativa dentre muitas outras possíveis. Bakhtin e Volochínov (1997) ensinam que uma vivência é irrepetível, ela só pode fornecer indicativos. Com este estudo, situado nos propósitos de articulação entre ensino, pesquisa e extensão (no bojo da constituição de vivências formativas no campo da EI), esperamos contribuir para o cotejamento de ações, mantendo acesa a dialogia sobre os distintos movimentos encaminhados na formação de professores.

Referências

- BAKHTIN, M.M. 1992. *Estética da criação verbal*. São Paulo, Martins Fontes, 421 p.
- BAKHTIN, M.M.; VOLOCHÍNOV, V.N. 1997. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo, HUCITEC, 196 p.
- BOGDAN, R.C.; BIKLEN, S.K. 1994. *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Portugal, Porto Editora, 336 p.
- BRASIL. 2010. Programa de Educação Tutorial Conexões: Projeto Educação. *Projeto de execução*. Vitória, 9 p. (circulação restrita).
- BRASIL. 2011a. Programa de Educação Tutorial Conexões: Projeto Educação. *Planejamento*. Vitória, 18 p. (circulação restrita).
- BRASIL. 2011b. Programa de Educação Tutorial Conexões: Projeto Educação. *Relatório*. Vitória, 24 p. (circulação restrita).
- BRASIL. 2011c. Programa de Educação Tutorial Conexões: Projeto Educação. *Projeto de pesquisa: Trajetórias de estudantes*. Vitória, 7 p. (circulação restrita).
- BRASIL. 2011d. Programa de Educação Tutorial Conexões: Projeto Educação. *Projeto de extensão: Educação Infantil: o trabalho docente no encontro com as crianças*. Vitória, 18 p. (circulação restrita).
- BRASIL. 2012a. Programa de Educação Tutorial Conexões: Projeto Educação. *Planejamento*. Vitória, 6 p. (circulação restrita).
- BRASIL. 2012b. Programa de Educação Tutorial Conexões: Projeto Educação. *Relatório*. Vitória, 32 p. (circulação restrita).
- CERTEAU, M. de. 1998. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. 3^a ed., Petrópolis, Vozes, 351 p.
- CÓCO, V. 2015. Docência na educação infantil: De quem estamos falando? Com quem estamos tratando? In: M.L.R. FLORES; S.S. ALBUQUERQUE (org.), *Implementação do Proinfância no Rio Grande do Sul: perspectivas políticas e pedagógicas*. Porto Alegre, EDIPUCRS, p. 143-160. Disponível em: <http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/Ebooks/Pdf/978-85-397-0663-1.pdf>. Acesso em: 12/06/2015.
- CRUZ, S.H. 2008. *A criança fala: a escuta de crianças em pesquisa*. São Paulo, Cortez, 388 p.
- FREIRE, P. 1997. *Extensão ou Comunicação?* 3^a ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra, 92 p.
- FREIRE, P. 1996. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo, Paz e Terra, 148 p.
- GATTI, B.A.G.; BARRETO, E.S. de S.; ANDRÉ, M.E.D.A. 2011. *Políticas docentes no Brasil: um estado da arte*. Brasília, UNESCO, 300 p.
- MAYOL, P. 1996. Morar. In: M. de CERTEAU; L. GIARD; P. MAYOL, *A invenção do cotidiano 2: morar, cozinhar*. Petrópolis, Vozes, p. 35-185.
- NOGUEIRA, M. das D.P. 2001. Extensão Universitária no Brasil: uma Revisão Conceitual. In: D.S. FARIA (org.), *Construção Conceitual da Extensão na América Latina*. Brasília, Editora UNB, p. 57-73.
- NÓVOA, A. 2002. *Formação de professores e trabalho pedagógico*. Lisboa, Educa, 88 p.
- PIMENTA, S.G. 2006. *O estágio na formação de professores: unidade teoria e prática?* São Paulo, Cortez, 200 p.
- VELHO, G. 2004. Observando o familiar. In: G. VELHO, *Individualismo e Cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. 7^a ed., Rio de Janeiro, Jorge Zahar, p. 121-132.
- VIEIRA, L.F.; OLIVEIRA, D.A.; OLIVEIRA, T.G.; VICTORINO, T. 2013. *Pesquisa trabalho docente na educação básica no Brasil: sinopse do survey nacional referente à educação infantil*. Belo Horizonte, MG. Universidade Federal de Minas Gerais, 80 p.

Submetido: 01/05/2015

Aceito: 12/08/2015